

JORGE LUIS BORGES



CONTOS E CRONICAS

J.L. BORGES

Ano 2024

Contos e crônicas.

Autor Jorge Luis Borges

Guaíba--- Rio Grande do Sul---Brasil



...E A ALMA NASCEU NO LIXO

Era uma vez num reino encantado... Era para começar assim este conto, mas começará exatamente ao contrário.

Era uma vez, um vilarejo qualquer, as margens de um lixão, neste lugar miserável e triste que uma menina veio ao mundo, seu nome era Alma, pele macia, mas já maculada pelo vil submundo da sociedade voraz e cruel.

Sua mãe, catadora de papel, mal falada e vagabunda, o seu pai, catador de papel embriagado e drogado; dois adolescentes, meninos de rua, sem eira e sem beira, sem família, sem passado(Todos o ser humano tem que ter um passado, seja bom ou seja ruim, o passado é a sua própria identidade).

Conheceram-se nas escuras vielas do lugar, e insequentemente uniram-se e desta ligação mal concebida que Alma chegou a este mundo, hediondo e triste.

A menina foi crescendo naquele lugar, imundo e sem nada De bom para oferecer, seu pai acabou morrendo baleado.

Sua mãe perdeu-se na prostituição das vielas da cidade.

Alma foi crescendo de mão em mão, comendo restos dos outros, e quando tinham, tentando ser pura, nas nodoas da sociedade, ora numa instituição, e olha que até teve sorte, comparando com os pais, ora noutra, acabou conhecendo um adolescente, mesmo mundo dela, e foi assim igual a seus pais que se uniram, e foi assim que ela se tornou mulher. Alma teve filhos, pequena evolução para melhor, mas seu mundinho continuava o mesmo, ela diarista, e ele biscateiro; sempre as mesmas pessoas a passarem por suas vidas vazias.

Os filhos foram crescendo, e um a um a se perderem nas vielas desconhecidas da vida, um morre baleado na frente de um bar qualquer, outro morre na prisão; a filha prostituta e drogada sai do lugar; no final os poucos que sobraram perdem-se no mundo; Para completar seu infortúnio, seu marido, carroceiro e catador, igual ao pai de Alma acaba conhecendo uma fulana igual a ele; vão embora...

E novamente a mulher fica sozinha, nunca mais vai ter notícias do infeliz.

O tempo foi passado...Passando num tic tac monótono e letal, Alma vivendo de seus restos do passado, aos quarenta parecia ter sessenta, boa costureira a mulher afinal era, mas seu trabalho não passava de dois ou três trocados, uma bainha aqui, um fecho éclair trocado lá, um cerzido acolá, e assim ela foi levando sua vida de subsistência, vazia e sem amor, e sem sonhos também, pois nem sonhar mais a infeliz sabia.

E de repente chega o entardecer de sua existência; coitada da infeliz, viveu por nada e por nada foi embora da terra, e agora lá estava ela, alheia, enterrada num campo santo qualquer... .

..E a Alma nasceu no lixo, saiu do pó sem nada, e ao pó retornou...

A EGUINHA VERDE

E a estória começa assim... ... Era uma vez uma potranca chamada Lili, namoradeira que só ela, não gostava de ficar muito tempo na baia ou no potreiro, o que ela gostava mesmo era de ficar correndo pelos campos ou de trololó com os outros animais da fazenda, por exemplo, com o seu porco Neco, o pato Pateta, o peru Gugu, a dona Marosca e o seu Pantaleão, casal de galináceos muitos queridos por ela; Sem contar os namoros escondidos atrás do celeiro, atrás do galpão... Com o Bento, potranco muito do safado, outras vezes com o novilho Zinho, filho do seu bem Feito e da dona Mimosa, não escapava nem o cabrito Brito que era o xodó do capataz.

Constantes eram as brigas dela com seus pais, o cavalo Epaminondas e a Égua dona Zita. Seus pais até já estavam pensando em levá-la para uma fazenda ali perto onde moravam seus tios, mas que adiantaria?

Lá também com certeza seria a mesma coisa. Seguidamente Lili era pega de converse com o papagaio Lourival, seu conselheiro, que vivia nos pinheiros perto do lago, lá nos fundos e que preguiçosamente passava as tardes no poleiro improvisado, perto do mangueirão.

Boca suja aquele sujeito, os pais de Lili tinham horror daquela amizade.

E o tempo foi passando... Passando, o fazendeiro certo dia vendeu o cabrito Brito, Lili chorou... Chorou, e foi se consolar nos braços, digo, nas patas do potro Bento, até que um dia o viu partir para a cidade, disseram alguns, outra vez se desmanchou em lágrimas, mas para o consolo da saudosa eguinha, nada melhor que o consolo do novilho Zinho, até que numa manhã, triste para ela e provavelmente para o Novilho, um estranho caminhão o levou da fazenda.

Num repente a melancolia tomou conta daquele coraçãozinho ardente, sedento de paixão, ficava cabisbaixa pelos cantos da fazenda, preocupando seus amigos.

A cadelinha dona Filó a aconselhava a tocar o barco pra frente, sair do baixo astral, até que ela resolveu seguir os conselhos da dona Filó e começou a dar longas caminhadas nos fins de tarde, pela fazenda, saia por ai a divagar bem rapidamente, até que repentinamente começou a voltar mais alegre e cheia de animo, para a alegria de seus pais, irmãos e amigos que já estavam preocupados com a tristeza da potranquinha.

Os dias seguiram devagar sua jornada rumo a um sem fim, quando a bomba explodiu, Lili estava grávida, de quem? Do potro Bento? Do novilho Zinho, do cabrito Brito?

Claro que não podia ser de um deles, há muito tempo haviam partido da fazenda, perguntaram, perguntaram, e nada dela falar quem era a vil criatura que tinha violado aquele corpo tão inocente mente.

O tempo foi passando, continuando sua morosa caminhada rumo ao sem fim, quando chegou finalmente o grande dia do nascimento daquele ser gerado na obscuridade da fazenda, filho de pai incerto.

E assim todos estão aflitos à redor da baía onde a parturiente geme esta dor tão santa, que é a dor de dar a luz, todos?

Todos não, pois o papagaio Lourival teve que viajar apressadamente, sem data certa para voltar, surgiu , disse ele um imprevisto no Paraguai, problemas particulares assim falou.

Chega a hora do nascimento, graças ao conhecimento de dona coruja, o parto transcorreu bem, nascendo assim uma eguinha, leve e serelepe, mas para o espanto geral dos animais da fazenda e até do fazendeiro, a potranquinha namoradeira dá a luz a uma eguinha verde.

“A GAROTA DO BLUZÃO LILÁS”

O homem apressado caminha na avenida úmida e cinzenta, envolto em pensamentos , ela divaga acontecimentos efêmeros naquela Borges efervescente e nua.

Era uma tarde relativamente fria e o sol de Agosto vez por outra saia de trás das nuvens carrancudas e dava uma leve espiada naquela gente que caminhava na avenida tal qual formiga, pessoas que andavam apressadas que nem o homem solitário naquela avenida cinzenta.

Enquanto o homem caminha, aliás: flutua na longa rua cinzenta e fria, seus pensamentos o levam a um porto mais alegre do que o de agora, pois embora o nome seja sugestivo, ultimamente é um porto nada alegre, sei lá se tem algum porto, pois nem rua da praia esta cidade tem. Pensa o homem que é interrompido de seus devaneios por uma voz juvenil e angelical.

-Moço espere, o senhor perdeu este papel, fala a garota ofegante ao homem que caminhava apressado e pensativo na avenida úmida e cinzenta de uma cidade antes nada alegre que nem rua da praia antes possuía, pois num milionésimo de segundos torna-se um porto mais alegre com uma sereia a enfeitar suas ruas.

Os olhares se cruzam, se chocam, originando-se daquele choque casual uma explosão nuclear; ele chega até a ficar tonto com a beleza estonteante da garota.

-Obrigado moça, fala o homem nada moço que ainda se refaz daquele impacto estonteante; ainda bem que você achou, é um endereço muito importante para mim.

O homem a olha novamente, agora já refeito do choque inicial, fica pensativo e questiona à seus botões: qual será a idade da menina, 17, 18 anos? Com certeza não passa de 20 anos.

Seus olhar ainda sonhador fotografa a imagem angelical daquela garota, corpo miúdo e esguio, mais parece uma gazela a levitar em verdes pradarias, cabelos lisos e compridos a dançarem ao vento, embora uma toca a lhe proteger do frio, lábios ligeiramente carnudos e vermelhos, ele os imagina uma apetitosa maçã e aquele olhar cor da noite sem luar a refletir em duas pecadora inocência a imagem daquele homem solitário e sonhador, nela tudo exalava inocência.

Era simplesmente um quadro de Van Gog.

Ela sorri ao homem pensativo, ele lhe retribui com um sorriso que mais parecia um pedido de socorro pelo tempo que inexoravelmente passou.

Ela diz estar ofegante pois correu para alcançá-lo, suas sacolas pareciam pesadas.

O homem pensou em oferecer uma carona, tentou falar, mas balbuciou apenas um “ muito obrigado” que em troca a menina lhe retribui suavemente um “de nada” numa voz que mais parecia um coral de arcanjos.

Seu meigo olhar tocou ternamente no fundo da alma do homem, ela o olha profundamente como se fosse um último olhar ao homem (e foi), e atravessa com passos de chumbo a rua perdendo-se na multidão.

Ele vê ao longe a silhueta daquela garota de blusão lilás...

A MENINA DO BALANÇO

Meu avô contava muitas historias sobrenaturais que ele presenciou ou testemunhou no tempo de tropeiro.

Esta que vou relatar é uma delas.

Uma certa noite ele pernitoou em uma velha tapera abandonada nas imediações do Sapato, tapera esta logicamente tomada pelo mato, somente no quintal onde tinha uma velha figueira com restos de um balanço que se supunha ser de alguma criança é que estava limpo, esta tapera era usada por tropeiros, por isso o quintal limpo, pensa meu avô.

Depois de arrumar seus apetrechos esquentou uma água e foi tomar seu chimarrão, já estava lusque-fusque; sorveu ele algumas cuias e olhava distraidamente a velha figueira, nisso vê alguém balançando-se no tal balanço, fixa bem a visão é vê uma mulher aparentando uns 100 anos.

Ele talvez sem temer esta aparição, vai ao seu encontro, e quanto mais se aproximava mais ela tornava-se jovem, até ele avistar uma menina talvez de uns 8 anos, ele pisca aturdido e quando abre seus olhos nada mais vê no balanço, apenas ele balançando suavemente.

Ação de quê, de um espirito ou do vento?

BICHO DE LATA

Lá onde eu morava, na minha longínqua infância, era um lugar silencioso, bucólico e distante de tantos lugares, onde as pessoas se conheciam e davam bom dia uma as outras, E para elas irem a qualquer lugar que não fosse na sua aldeia tinham que serem engolidos por um bicho de lata e depois vomitados por ele, era assim que eu ouvia as pessoas falarem, Só em pensar eu tremia de medo, pois nunca tinha sido engolido por este bicho de lata.

Um certo dia minha mãe falou a meu pai que teria que ir a cidade, me levar a um tal pediatra,(eu fiquei um pouco confuso, pois meus pés eram umas das partes do meu corpo que eu mais utilizava e para mim estava muito bem), fiquei confuso pois achava que pediatra era um cara bigodudo que cuidava da saúde dos pés da gente: então sabendo que teria que ir a cidade fiquei apavorado, pois teria que ir no bicho de lata que tantos falavam.

Chegou o tão temido dia, cinzento igual meus pensamentos, fui levado pela mão por minha mãe ao encontro do bicho de lata, e lá veio ele, sacolejante, roncando e cuspidando fumaça, parecia furioso, e logo de cara engoliu algumas pessoas, eu e minha mãe fomos engolidos por ele também.

Morosamente ele se arrastou pela estrada empoeirada, sempre roncando e se sacudindo bastante, engolindo muitas pessoas e vomitando algumas também, e eu tremendo de medo, com receio dele não nos vomitar, depois de algum tempo chegamos ao lugar onde minha mãe me levaria, lá ele vomitou todas as pessoas que ainda estavam com a gente, elas saíram apressadas de dentro dele, indo a lugares que nem me lembro mais, até que eu e minha mãe fomos vomitados,

Acho que foi aí que comecei a atinar alguma coisa, nunca mais fiquei com medo de ser engolido pelo bicho de lata, pois sabia que sempre seria vomitado por ele.

Hoje, depois de crescido tenho meu bicho de lata de estimação.

DE CARONA NO CORONA

Estou perplexo com os últimos acontecimentos que ocorreram a redor do mundo.

Um grande mal esta flagelando a humanidade, nações poderosas estão se curvando diante deste microscópio ser, igrejas de múltiplas religiões bradam aos céus por clemencia divina, ateus, ateias; plebeus, plebeias; reis e rainhas batem no peito bradando complexas orações em busca de gotas celestiais de algum remédio milagroso que afastes deles este ser maligno.

Alguns dizem que Deus percebendo o rumo que o planeta estava tomando a caminho de uma terceira grande guerra, lançou sobre nós esta criatura para aplacar a ira terráquea, se assim o fosse, pior que conseguiu; outros falam que isso e obra de algum laboratório clandestino de fundo de quintal, outros tantos que foram lançados por seres extraterrestre, e outros falam em teoria da conspiração.

Assim, pessoas mal intencionadas pegam carona na contra mão da historia sem nenhum conhecimento prático ou teórico sobre este assunto, falando em fim do mundo, apocalipse, fim de uma era zodiacal, etc. e tal...

Sem saber nada mesmo desta pandemia que nos assola neste momento, deveriam abrir alguns livros de história para tentar compreender o que está acontecendo neste momento e pesquisar sobre algumas tragédias universais ocorridas ao longo do tempo na terra para não falarem asneiras; existem relatos na bíblia por exemplo de endemias ocorridas em determinados lugares da terra, um relato bem conhecido são as pragas do Egito, onde um Deus furioso procurou castigar um determinado povo que não seguia os seus preceitos, as pragas foram lançadas

E assim muitas mortes são relatadas no sagrado livro, porém a praga passou e aquela nação seguiu seu curto curso na historia.

Assim foi caminhando a humanidade em passos trôpego, sempre lutando contra inimigos visíveis e invisíveis; se pesquisarmos alguns livros de historia, nos depararemos com a famosa peste negra que assolou e matou um terço da população europeia, parte da África e da Ásia no século XIV, obra de quem? de deuses ou demônio? esta famigerada pandemia completamente desconhecida ceifou milhões de seres humanos, porém com abnegação o homem conseguiu controlar e eliminar da face da terra este grande mal, e a vida outra vez seguiu seu curso natural.

Recentemente outro mal assolou a humanidade; por volta de 1918 outra pandemia avassaladora açoitou a Europa, foi denominada de gripe espanhola, que de espanhola não teve nada, pois foi levada por soldados americanos infectados nos Estados Unidos e assim atingiu o velho mundo no decorrer da primeira guerra mundial, esta pandemia ceifou mais de 50 milhões de pessoas no mundo inteiro, alguns falam que seria o vírus h1n1, que hoje felizmente tem cura e controle com vacinas adequadas.

Voltamos a abrir os livros de historia e de 1919 a 1938 tivemos um período de calma, sendo interrompido pela segunda guerra mundial; este povo não tem jeito ou é peste ou guerra, sempre procuram achar algo para depois chorar e se lamentar, após este período turbulento a vida seguiu seu curso calmo, “entre aspas”, através do rio de nossa existência, e eis que “BUM”, surge bruscamente nos confins da China este minúsculo e mortal ser chamado COVID-19, criaturinha esta que prostrou nações e religiões pelos quatro cantos da terra, pânico total, isolamento social em massa, e a massa faltando a nossa mesa; idiotas de plantão dizendo ser uma gripezinha atoa, alarmistas dizendo ser um vírus invencível, que é o fim, nem uma coisa e nem outra, devemos ter prudência, cuidado; calma e cautela, como dizia minha avó “cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”, vamos assim seguir as recomendações de pessoas especializadas neste assunto e fiquemos em casa na medida do possível.

Que tal pegarmos aquele velho livro empoeirado pelo nosso descaso literário, livro este que há tempos iniciamos a ler e nunca terminamos esta leitura que com certeza poderá ser agradável; ou quem sabe escrevermos algum poema, pegarmos uma carona e intitula-lo de Corona.

Eis a dica e que os deuses levem este vírus peçonhento para os quintos dos infernos para assim voltarmos a nosso cotidiano plausível onde ser feliz não tem preço.

“DEUS, UM MENINO BRINCALHÃO”

Hoje ao ver um documentário comecei a pensar...pensar; me veio esta triste constatação. A física quântica faz o ser humano questionar, duvidar daquela existência de Deus pregada em livros, isso se não acabar negando sua existência; ou quem sabe passar pela cabeça de alguns que Deus é um menino brincalhão, soprando bolhas de sabão cósmico que ao se formarem não sejam que tal, universos paralelos expandindo-se ...expandido até' ploft! voltar a estaca zero; e nó seres humanos não sejamos apenas ilusão; ou criaturas múltipla em milhões de universos paralelos.

“A casa de meu pai tem muitas moradas” que sentido tem esta célebre frase de Jesus, pelo prisma espiritual da pra se pensar muito, quem sabe até se encaixe na física quântica, mas com certeza não nos leva as portas do paraíso.

Realmente, a física quântica é um perigo a nossa mente, nos tornando pessoas dementes de espírito se achando expert em assuntos que fogem da nossa imaginação e vão acabar nas raias da loucura científica.

ENCANTO CASUAL

Fim de semana chegou, os três amigos como de costume vão ao cinema sábado a noite, chegam na bilheteria, compram suas entradas, compram também três pipocas no carrinho do pipoqueiro General, e lá se vão os três, sem medo de serem felizes, esbanjando juventude e vitalidade pelos poros, entram, a sala de cinema ainda com as luzes acesas, eles sentam nas cadeiras dos fundos da sala, de lá eles conseguem observar o movimento do entra e sai de tanta gente.

Conversa daqui, conversa de lá, risadas por nada, tapinhas nas costas, pipocas no chão, de repente um deles nota uma menina, talvez quinze ou dezesseis, lá está ela, bem no meio da sala, sentada sozinha, pipoca na mão e olhar sonhador, uma cadeira a seu lado vazia, como que esperando um namorado imaginário, conversa vai, conversa vem, qual dos três o mais homem para sentar ao lado da menina.

Os rapazes em altas conversas, e doidivasas promessas, menos um deles que era o mais retraído, o mais franzino e sem graça de todos, cabelo lambido, e calças de brim, com camisa florida, aparentando talvez uns dezessete anos, cara ainda lisa .

Vai começar o filme, e ninguém se anima, apagam-se as luzes e o silencio toma conta da sala, ouve-se apenas os sons do filme e do rodar da fita na sala de projeção.

Lá pelas tantas o mais quieto e sem graça dos rapazes levanta-se silenciosamente e toma o rumo da cadeira que ainda estava vazia, ao lado da garota sonhadora, chega em silencio, e em silencio senta ao lado dela, olha sem jeito e de revesgueio; a menina, de corpo teso, parece que concentrada no filme, será?

Mão descansando no encosto da cadeira; ele duro, olhando as cenas do filme, e a mão sorrateiramente ao lado da mão da moça, ela quieta, ele quieto...

Lentamente seus dedos nervosos vão escorregando lentamente para o lado dos dedos dela, o filme rodando, o coração batendo, meio que doendo no peito, e o silêncio dos dois.

Um tempo depois; parecia uma eternidade, as mãos se tocam, se buscam suavemente, ele firme, e ela imóvel, eles em silêncio, e os dedos como suaves serpentes, se enroscando, se penetrando, se envolvendo; o filme prosseguindo, e eles em silêncio. Termina a sessão, as pessoas saindo apressadamente da tumultuada sala, outra sessão logo começara, e os dois enamorados saem de mãos dadas do cinema; para a surpresa dos dois amigos; de mãos dadas, e em silêncio, sem trocarem uma só palavra, apenas olhares de cumplicidade e sonho,

E assim como que do nada, apenas por casualidade, como que por um encanto casual, começa um namoro, que somente o futuro dirá se dará certo.

NA ÚLTIMA VEZ QUE FUI A CAMAQUÃ

Esta noite eu tive um sonho estranho, que agora ao lembrar, deu-me um pouco de nostalgia; fiquei pensando neste sonho, uma lembrança veio a minha cabeça, foi da ultima vez que fui a Camaquã.

Era um fim de semana ensolarado, manhã de outubro talvez, cheguei de repente a minha cidade e, antes de ir a casa de meus parentes, resolvi dar um giro pela cidade.

Primeiramente fui a praça do centro, lá relembrarei de alguns momentos da minha infância, o escorregador, os balanços que tanto me fascinavam, em seu bólide vai e vem desengonçado, o carrossel tresloucado me tonteando, e fazendo-me bem mais feliz, lindas lembranças; de lá sai e fui ao velho e ao velho e único cinema do lugar, para meu assombro, mosqueado e carcomido pelo tempo, e em vez de cartazes anunciando talvez filmes de Cantinflas e Carlitos, via-se somente cartazes anunciando a algum culto qualquer com promessas de riquezas e salvação.

Parado em frente ao velho cine, veio a minha mente cenas remotas da infância que lá passei, onde eu outrora, em frente aquele majestoso prédio, ponto obrigatório da garotada, incluindo-me, é claro, e nós freneticamente alheios a grande fila de pessoas que entravam para assistir o matiné, trocávamos figurinhas e também gibis; depois íamos assistir bang-bang e desenhos animados.

Que momentos felizes aqueles perdidos na poeira do tempo...

.....

Esta noite eu tive um sonho, e deu-me uma vontade de ir outra vez a Camaquã.

VAGA-LUMES

Os milhões de vaga-lumes que ficam vadiando nas noites quentes de verão, será que são suspiros do sol, que sente falta da noite, ou raios de um sol desconfiado que esta vigiando a lua faceira?

Eu ainda não sei quem serão estes pequenos seres que vagam nas noites longas de Guaíba e depois no amanhecer vão embora sem avisar.

Alguns dizem que são almas dos pequeninos que partiram prematuramente e que querem encontrar o caminho do céu, pois perderam-se na noite e somem a cada manhã, numa fuga constante do dia.

Outros dizem que são lágrimas de jovens estrelas mundanas que na distancia inviolável do tempo, choram de saudade, pela estranha falta das estrelas do mar.

Para mim estes pequeninos seres brilhantes que piscam teimosamente além da minha visão, são partículas da minha saudade, envelhecendo comigo.

PECADO ORIGINAL

Algumas vezes ao folhar o livro sagrado me deparo com Gênesis capítulo 03 e me pergunto;

Quem é o maior culpado deste nefasto ato que culminou com a expulsão do ser humano do paraíso e conseqüentemente a perda da eternidade; Deus, a cobra, Eva ou Adão?

Deus repreende Adão e Eva, os expulsando do Eden e amaldiçoa a cobra.

Eva põem a culpa na cobra, quer tirar o dela da reta.

Adão cagueteia Eva, (é o primeiro X 9 que se tem notícia) e assim a cobra acaba se ferrando...

Coisas do paraíso que a terra não consegue explicar.

O BOM MÁRIO

Mário era um bom marido e bom pai, trabalhador muito responsável, queridos pelos seus colegas na empresa de segurança onde trabalhava a muitos anos.

Sua mulher porém era uma pessoa que conseguia tirar alguém do sério, imaginação fértil onde via malícia em tudo e em todos.

Um dia muda-se para uma casa em frente a do casal um homem de meia idade, nada sabiam dele.

A mulher de Mário notou ou imaginou que o novo vizinho a olhada constantemente e começou a queixar-se ao marido, todo o santo dia falava ao Mário sobre o homem ficar lhe olhando enfim, como dizia ela, a cuidando quando o mesmo ficava sentado em frente a sua casa.

Era um bla bla bla interminável que deixava o homem deveras aborrecido.

Todo o dia era aquela murrinhação, pentelhava sem piedade o marido que chegava cansado do trabalho, dizendo que ele era um borra botas, um zé mané ,etc. e etc....

Tanto aporrinhou que ele começou a trazer para casa sua arma, coisa que nunca foi costume dele. Certo dia ela com a mesma conversa que o homem a cuidava o dia todo, e que ela tinha berrado, para que ele parasse de a lhe cuidar e ele nem bola pra ela, Mario então pega sua arma e vai tirar satisfação do vizinho, chega berrando, coisa que não era feitio dele. E o homem nem bola, ficou sentado em seu banco em frente a casa como fazia costumeiramente, ele achou um desaforo aquela indiferença, lembrou das palavras ferinas da mulher, que ele era um borra botas, um zé mané e, descarrega o revólver no pobre infeliz.

E preso em flagrante, alguns vizinhos espantados perguntam ao Mário o porquê dele fazer tamanha maldade com um homem que era completamente cego além surdo.

O CÃO DA FAMÍLIA GOUVEIA

Luis Gustavo Gouveia e Suzi Albuquerque Gouveia formavam um belo e bem sucedido casal, estavam juntos há 5 anos, e nunca se preocuparam em terem Filhos, também pudera, eram muito atarefados para com isso se preocuparem, ele médico, ela professora; Luis Gustavo o dia inteiro entre hospital e consultório, Suzi dando aulas em turno integral, além de ótimos rendimentos, gostavam deveras o que faziam e não se preocupavam com filhos.

Em compensação possuíam há 5 anos um belo pastor alemão, presente este de casamento dados por Jorge e Louise, amigos e padrinhos do casal.

Naquela rotina atribulada o cão era os dengos da casa, nos finais de semana era banho, era tosa, biscoitos caninos, passeio no parque...no inicio da noite, na casa era o cão no colo dos dois, as corridas pelos cômodos , o animal bem ensinado, levava o chinelo do seu dono, só com um assovio e com um bater de palmas entregava-lhe o Jornal.

Até parecia substituir aquele filho que eles não tinham e nem cogitavam ter.

O totó era igual a filho a filho mesmo, com registro e tudo, "Bettowen Albuquerque Gouveia"; Bag para os íntimos, registrado no papel e escrito na bela coleira de couro.

Certo dia Suzi acorda com algumas tonturas e ânsia de vômitos, ela não se preocupa muito e nem fala ao marido, "Deve ser estresse" pensa ela, porem aos poucos começa aquela tontura e ânsia de vômito diariamente, resolve fazer um exame, e: "Bingo "grávida, a noite fala ao marido que fica exultante com a boa noticia, o cão no colo do homem dá um salto e vai refugiar-se na lavanderia, fato este nem notado pelo casal.

Com esta gravides inesperada a rotina do casal vai mudando gradativamente, a atenção com o Bettowen sendo transferida a Suzi, o cão, retraído a observar os acontecimentos, só não muda a rotina da diarista, todas as segunda, quartas e sextas feiras, limpando a casa e cuidando do cão.

A grávida de Suzi já está bem adiantada e cuidados redobrados, mas a rotina do trabalho inalterada; certa noite o casal chega em casa, Luis Gustavo entra, Suzi ao entrar tropeça no tapete e é amparada pelo marido, o cão que estava próximo a tudo observa, Luis Gustavo de pronto retira o tapete da entrada da casa, fala Suzi que irá deixar um recado a diarista para que no dia seguinte ela não o coloque a entrada da porta, o cão ouvindo tudo.

No outro dia o tapete no mesmo lugar, Luis Gustavo liga furioso a diarista e reclama de seu esquecimento, ela jura que fez conforme o pedido do homem, segue a rotina da casa, na quarta a volta do trabalho, o tapete ausente, o cão a tudo observa, na sexta feira o retorno do trabalho, o tapete novamente a entrada da porta, mais uma vez o homem telefonando a diarista e reclamando de seu esquecimento, ela jurando que tinha retirado o tapete conforme a sua ordem, assunto encerrado, no outro dia nada de tapete no local indesejado, segue os dias e o problema parecia resolvido.

Suzi já esta com 7 meses de gravides, quase na hora de se ausentar de seu trabalho, barriga em destaque naquele corpo harmonioso, os cuidados redobrados, e agora o esquecimento total do pobre cão, que choramingava constantemente, e abanava o rabo em busca de atenção.

Na sexta feira a diarista faz como de costume seu rotineiro trabalho, final de tarde vai embora.

Luis Gustavo e Suzi retornam de seus trabalhos, a Suzi afrente abre a porta, enquanto que o marido coloca o carro na garagem, de repente um baque surdo e o tombo imprevista da jovem gestante, o tapete escorrega para o lado, ela no chão, o sangue pingando entre suas pernas, o cão a observar tudo, Luis Gustavo socorrendo a esposa, internação urgente e a triste noticia, aborto causado pela queda da mulher, tristeza total do casal.

No outro dia a demissão da incrédula diarista que jurava por todos os santos que jamais tinha colocado aquele maldito tapete a porta da casa, Bettowen na entrada da sala assistindo a tudo e dando baixos ganidos que parecia de satisfação.

Depois da recuperação de Suzi e de sua resignação, a rotina volta ao normal , aquela rotina antes da gravidez, nos finais de semana, banho e tosa, biscoitos caninos, passeios no parque, a noite na casa o cão no colo dos dois, as corridas pelos cômodos da casa, um assovio, e ele levando o chinelo de seu dono, o bater de palmas, e ele lhe lavando o jornal.

Assim a felicidade juntamente com antiga rotina volta ao seio daquela casa, e a diarista jurando e afirmando a todos que nunca tinha recolocado o tapete na entrada da casa, ela tinha plena certeza que fora o cão...

O CASAMENTO DOS SONHOS

-Primeiramente para termos o casamento dos sonhos temos que arrumar uma garota para namoramos, falou o camarada a seu companheiro de quarto de pensão,

-Caro colega eu creio que não exista o tal casamento dos sonhos, disse o outro a seu companheiro de quarto. -Já é tarde, vamos dormir, fala ao seu colega virando-se para o canto, e dando um sonoro boa noite.

(.....)

A luz do sol através das cortinas do quarto queimam a pele do dorminhoco e, como por encanto vê uma linda garota ao lado de sua cama, e num impulso fala a garota:

-Ei moça, quer namorar com eu? Falando assim com certeza o rapaz não terá chance alguma de conquistar uma namorada? Acredito que não.

É mais fácil o rapaz conquistar o coração da moça, num parque, no cinema, na praça, em uma fazenda, e até num jogo de futebol ou numa casinha de sapé.

-Dizem que sou louco por eu ter um gosto assim, gostar de quem não gosta de mim.

Daí ela abre um sorriso jovial e diz sim...sim... sim... Pra casarem agora o rapaz precisa falar com o pai da moça e se o velho concordar depois marcar a data do casório.

O pai da moça meio carrancudo diz a ele.

-Quem casa quer casa.

Ele responde alegremente. -Sou carpinteiro.

Os dois casam, linda cerimônia na igreja matriz da cidade, festa no clube do comércio, lua de mel em Arambaré, qual é que é, você queria em Paris?

Depois da lua de mel os recém casados voltam do mundo da lua para o mundo real, e aí que a porca torce o rabo.

Inicia assim a grande odisseia nunca vivida pelo rapaz, pagamentos de carnês de lojas, água, luz, telefone, compras no super mercado, boletos bancário e outras tantas obrigações impostas pela sociedade ao jovem marido.

Acabam assim para ele os jogos de fim de semana, o barzinho da esquina jogando sinuca e conversa fora, para ela os fim de semana no cabeleireiro, os passeios descontraído dela com as amigas do colegial no parque a cata de novos namorados, as longas risadas descontraídas.

Depois de algumas brigas, acertos e desacertos a moça lhe fala fazendo beicinho:

-Bem, estou bem grávida...

.....

O rapaz sonhador faz uma força tremenda e consegue acordar do sono conturbado, esfrega os olhos sonolentos e diz alegremente.

-Ainda bem que foi só um sonho, levanta-se e procura não dormir mais aquela noite, não quer prosseguir seu sonho maluco do tal casamento dos sonhos.

E o companheiro de quarto a roncar que nem um porco.

O HOMEM DA JANELA

A muito tempo atrás, quando eu morei no bairro Teresópolis, passando umas três casas depois da minha, tinha uma antiga casa de madeira na cor laranja com janelas azuis, mas uma janela em especial eu realmente nem sabia se era azul, pois nela ficava um velho senhor, acho que acompanhando o movimento matinal daquele vai e vem de formigas humanas.

Acredito que o velhinho senhor de olhar sonhador ficava todo o dia na janela, pois ao amanhecer quando eu ia a meu enfadonho trabalho o via sentado em frente aquela janela, e ao entardecer na volta de meu monótono e cansativo trabalho, lá estava ele incansável na sua janela.

Aos sábados eu voltava logo depois do meio dia, e ele lá na sua janela particular, aos domingos eu acordava mais tarde e quando ia ao mercado fazer alguma compra o via lá, imperturbável e contemplativo.

Se nos domingos a tarde eu fosse a algum lugar, aproveitar o restante dos domingos, lá estava o homem, sempre na sua janela.

Assim o tempo foi passando, eu tinha vontade de parar e conversar algo com ele, pois seu olhar parecia me chamar, mas sempre acabava desistindo, nem mesmo seu nome eu ousei perguntar, assim o tempo foi passando; porém certo dia ao passar em frente a janela do enigmático senhor não o vi, vi apenas um pano branco encobrando a tal janela, senti um grande aperto no peito e nunca mais passei em frente aquela janela.

O MENINO QUE ROUBAVA LIVROS

Estava caminhando em uma rua da minha cidade, quando avistei um menino sentado no cordão da calçada lendo um livro, isso me chamou a atenção, parei e vi o título, "A cidadela, de Archibald Joseph Cronin"; lia-o em completo devaneio, era só felicidade.

Fiquei ali esperando ele me notar, não querendo quebrar o encanto da sua leitura e nem acabar com a magia daquele sonho pueril; passado algum tempo ele me notou, ficou assustado, eu lhe falei:

-Calma menino, estou só apreciando a tua concentração nesta ótima leitura, quando adolescente li também este livro, como o conseguiste?

-Tio, me falou ele, não vá me censurar, como eu gosto muito de ler e não posso comprar, eu os roubo...

Aquilo para mim foi uma viagem no tempo, me arrebatou ao passado onde me vi roubando um livro no Tesouro escondido, aos doze anos de idade...

O SONHADO FILÉ DE SALMÃO

Miro sempre foi uma pessoa que pensava a frente, com 10 anos começou a trabalhar, era engraxate, seu primeiros centavos que recebeu numa engraxada de sapato reservou a metade para futuras dificuldades que poderiam surgir, pensava ele, o tão sonhado picolé cremoso fica para depois, tenho bastante tempo, e assim foi vivendo, sem ir a um cinema, sem ir a um parque de diversões, sem ir a baile algum, sem aproveitar nada, pois tinha medo de um amanhã de dificuldades.

Aos 20 anos já trabalhava a algum tempo em uma firma com carteira assinada e tudo, certo dia ao receber seu salário, teve vontade sei lá o porquê de comer um filé de salmão frito, chegou a se dirigir a peixaria, na porta estancou, e desistiu de satisfazer este desejo gastronômico, imagina fazer esta extravagância; e quando estivesse com 40 anos, daqui a 20 anos, pensa ele, poderá fazer falta, e lá se vai ele comer seu arroz com feijão e ovo, as vezes frango.

Sua vidinha medíocre foi seguindo seu curso, da casa para o trabalho, do trabalho para casa, fazendo serão, e poupando...poupando..., tempos depois acaba casando, nem pensar em festas capaz, no futuro pode fazer falta, e a lua de mel foi trabalhar mais e mais, com muito serão, pois tinha bocas para alimentar.

O tempo foi passando e, aos 40 anos sentiu novamente o desejo de provar o tal filé de salmão frito, recebe seu salário e vai naquela peixaria que ainda estava lá, firme que nem coqueiro, lá chegando nem ultrapassa a porta de entrada, trava e desiste daquele compra gastronômica que poderia comprometer seu orçamento.

É um ato exagerado, fala a seus botões, vai que daqui a 20 anos quando estiver com 60 faça falta; e lá se vai ele comer seu arroz com feijão e ovo, as vezes um frango ou um pernil de porco em promoção.

Passou-se mais 20 anos, ele com 60, prestes a aposentar-se, sente certo dia aquela louca vontade de comer o tal filé de salmão frito, pergunta o preço, vejam bem, já foi um bom avanço, o sujeito chegou a perguntar o preço, e quase cai de costa.

Quê absurdo, e pragueja ele ao já velho peixeiro, não compro nem que a vaca tussa, e imaginou-se 20 anos a frente, ele com 80 e aquela compra fora de seus projetos, feita à 20 anos atrás ruindo o seu orçamento.

Vou fazer uma promessa, diz ele ao velho peixeiro, quando tiver 80 anos vou comer esta iguarias, juro por tudo que é mais sagrado, e lá se vai ele comer seu arroz com feijão e ovo, as vezes frango ou outra carne em promoção.

E o tempo foi passando...passando, sem o homem jamais ter ido a um cinema, a um baile qualquer, a o futebol, a um circo, um parque de diversões e nem mesmo a um bordel qualquer, enfim a divertimento algum o homem ia.

E assim Miro ia levando sua vidinha, pensando sempre 20 anos na frente, e guardando quase todo o seu salário numa poupança com juros ridículos, poupança esta que ele não mexia nunca.

De repente ele esta com 79 anos, a um ano de cumprir sua promessa feita a 20 anos atrás de comer o tão desejado filé de salmão frito e eis que numa noite fria de inverno uma dor aguda no peito e o infeliz cai duro, sem provar uma tira do tal filé de salmão.

Dias depois vem a partilha de seus bens, e os herdeiros exultantes a usufruírem sua poupança de 69 anos, poupados centavos a centavos, alguns de seus herdeiros comendo file de salmão com vinho chileno, outros bacalhau norueguês com vinho do Porto, é assim a vida.

OS CONSELHOS DO SEU APARÍCIO.

Certa vez eu falei a um ex sogro que eu e minha namorada estávamos estressados, ele pigarreou, acendeu seu palheiro e pausadamente me falou: - Vivente, tu ta estressado? Vai rachar uma lenha com um machado bem afiado, ou então carpi uma horta, e ela que trate de varrer um patio com uma vassoura de guanxuma ou então lavar uma roupa num tanque de cimento que é pra ficar bem limpa, se vocês fizerem oque lhes digo o estresse vai passar...

Desde então eu pelo menos sigo os conselhos de meu ex-sogra, velho sábio que era, e ela?

Sei lá, se amasiou com um teatino e caiu no mundo, não quis seguir os conselhos de seu velho pai, também pudera, a rapariga não era muito chegada a um basquete, preferia trabalhar deitada e depois descansar de pé.

"Moral da estória: Quem tem a mente e o corpo ocupados em tarefas salutaras, não se estressam por coisas insignificantes."

A TRISTE HISTÓRIA DO SACO DE LIXO REJEITADO.

Estava eu hoje em um determinado bairro de minha cidade, e uma cena que para muitos e corriqueira e banal me chamou a atenção; um caminhão de uma certa empresa privada recolhendo o lixo naquele bairro, até aí tudo bem.

O motorista pacientemente num arranca, para, arranca; enquanto uns quatros incansáveis garis iam recolhendo o lixo acumulado nas lixeiras a beira rua, o caminhão parava, eles jogavam sacos de lixo no caminhão, daí o mesmo arrancava, e assim por diante, poderia passar despercebido a minha pessoa que testemunha este fato corriqueiro se não fosse o fato de, em cada três sacos de lixo a serem jogados, um saco caia fora do caminhão e lá ficava, a espera de alguém para recolhe-lo, acolhê-lo, e delicadamente coloca-lo na caçamba do tal caminhão que era o lugar adequado, e aí o saco seguiria sua jornada final que seria no paraíso do resíduos de lixo.

Mas não, o pobre saco ficava lá; inerte transformando a rua que antes do caminhão passar estava limpa num matadouro de lixo.

Como é que os doutores da limpeza de nossa cidade cometem este sacrilégio e deixam os pobres saquinhos de lixo ao Deus dará em nossa cidade?

Que ato malévolo este, pois podam os saquinhos de lixo de irem passar sua eternidade no paraíso dos lixões a céu aberto de toda a cidade brasileira que se preze.

OS MEUS PINTOS

Antigamente eu vivia uma vida tranquila em meu humilde lar, até que resolvi comprar e criar alguns pintos para futuramente ter galinhas e ovos para meu consumo, e até para vender.

Está mudança transformou da água para o vinho minha pacata rotina, pois tenho pouco sossego devido a tarefa de estar sempre os vigiando com medo de ladrões, e por causa dos gatos do meu vizinho; dias desses quase me tornei um assassino ao cogitar envenenar os gatos do meu vizinho.

Resolvi então colocar telas em todo o pátio, e meu gasto com esta criação de pintos aumentou tremendamente; espero ser recompensado no futuro.

Minha vida até que era tranquila, mas desde de que me tornei proprietário destes pintos, minha vida está digamos que um caos,

Agora que tenho meus pintos, não saio mais nos fins de semana, pois tenho que alimentá-los, e também por medo que alguém os roube ou que os gatos do vizinho arrebenhem a tela e devore meus pintos.

Estou começando a perceber que ser proprietário de algum bem não faz tão bem as pessoas.

“OS VIRTUALISTAS”

O que me causa espanto, e me deixa estarrecido, e que todo o internauta pensa ser um sujeito de cultura, pensa ser um cara sábio, um cabeça pensante, se acha uma pessoa irresistível, e conhecedor de todo e qualquer assunto, enfim, se acha o cara.

Ledo engano! Este tipo de pessoa apenas se engana, vivendo num mundo virtual, totalmente alienado; pobre criatura desprovida de mente madura e de cabeça pensante, seu mundo virtual é uma completa alienação.

Sonhar eles sonham, imaginar eles imaginam, porem todo o seu sentimento, todo o seu jogo de sedução, toda a sua amizade, e ate mesmo grau de parentesco, a sua afetividade, esta apenas no plano virtual.

Estes seres virtualistas fazem-me lembrar do Dr. Jekyll, sem falar da bipolaridade adquirida com este vicio.

Eles são iguais a cachorros correndo atrás de um carro tentando em vão morder suas rodas, porem se o carro parar eles ficam sem saberem o que fazer.

Assim são os virtualistas, meros cachorros loucos, às vezes tentando morder o próprio rabo.

Este tipo de gente vive num mundo aparte, onde o virtual confunde-se com a realidade, e suas alucinações são fantásticas, são Napoleões da modernidade tentando conquistar o mundo ,enfim; são reformadores do mundo e do universo, porem seus fantasmas concretos estão sempre a espreita, rondando, e eles se fecham numa caixa hermeticamente impossível de abrir, e isolados assim permanecem....

E assim permanecerão até o final de seus dias.

QUATRO VIDAS, UM DESTINO

Mariza acorda exultante, são 17:00 horas em ponto, o sol de Novembro brilha exuberante lá fora; enquanto beija-flores saciam sua sede em copos de leite dispersos no diminutivo parque em frente a seu prédio, que lembra em sua construção arquitetura dos anos 40.

Ela , cantando uma antiga canção do Bee-Gees, levanta-se rapidamente, pega um roupão e vai ao banho, depois de longos minutos em devaneio, enxuga-se languidamente se corpo tentador, veste uma minúscula mini-saia e camisa decotada que deixam seus seios quase a mostra e vai a cozinha, onde prepara um café com leite, pão integral e ovos mexidos...

Adriana acorda um pouco antes das 5, boceja preguiçosamente, esfrega seus olhos azuis como que para espantar seu teimoso sono,

O quarto sombrio é inundado pela claridade do fim de tarde, oriundo da janela a qual ela abre um par de cortinas azul escuro decorada com motivos estranhos de uma paisagem indefinida, avista ao levantar um livro repousando em seu criado mudo um tanto já desgastado pelo tempo, abre-o e o folheia lentamente e inicia sua leitura interrompida no dia anterior, "O castelo do homem sem alma" de Archibald Joseph Cronin; folheia-o com delicadeza pois o livro já apresentava sinais de fadiga de tanto ser manuseado, e Adriana joga-se ao mundo da fantasia...

Suzane já acordada desde as 4 horas da tarde, olha pensativamente o teto de seu quarto, mosqueado pelo tempo e pensa que ele está precisando urgentemente de uma pintura, perdida em seus pensamentos ela lembra de sua mãezinha lá no interior cuidando carinhosamente de Jorginho e Luisinha, seus dois queridos filhos que teve que deixar em sua cidade natal, quando partiu para a cidade grande.

Ela então estende seu alvo braço e na cabeceira de sua cama um velho Gradiente , parece estar a sua espera, liga-o na Continental, e uma música flui suavemente de suas 2 caixas de som; "Angelica and Ramon" cantada por Secret Service anos 80, fazendo-a lembrar de seus 16 anos e seu primeiro namorado em Imbé...

Valeria a pouco terminou a faxina em seu minúsculo apartamento, faxinava o freneticamente enquanto via a sessão da tarde, imaginava-se protagonista do filme; "Noite de tormenta" com Richard Gere, faxinou os cômodos cronometricamente até a finalização do filme, gostava muito deste filme, o viu no lançamento no cinema do shopping Iguatemi, depois o viu em uma fita de vídeo cassete, o viu num dvd comprado no camelódromo e em seguida num pen drive presenteado por um cliente seu; o filme finaliza e uma lágrima desliza de sua jovial face, ela suspira melancolicamente, após tudo isso acende um Marlboro e escolhe uma roupa para colocar após o banho...

Agora são 19:45 da noite, as imediações da Independência e Mostardeiro fervilha de gente num vai e vem frenético, enquanto quatro exuberantes jovens em roupas curtíssimas de grife caríssimas, maquiagem bem feita, bolsas também de grife e celulares de última geração abordam e entram em luxuosos carros conduzidos por coroas enxutos e jovens play boys...

Em alguns lugares da cidade quatro pequenos apartamentos vazios parecem aguardarem a chegada de seus ocupantes depois de uma sexta feira borbulhante...

“O CAÇADOR E O VEADO”

Certa vez um caçador encontra em seu caminho um velho veado , e sai a seu encalço no intuito de caçá-lo, o veado vendo o perigo eminente sai em desabalada carreira, porem o cansaço o vence e ele já fadigado pela fuga resolve argumentar com o caçador que já esta com a flecha em riste para abatê-lo. “

-Senhor caçador, diz o veado, não vê que eu sou um velho veado, doente e de carne por certo dura, porque você não procura um veado mais jovem que eu, com certeza terá uma carne macia e mais suculenta que a minha.

O caçador ouve as suplicas do velho veado, nisso seu estomago ronca de fome, e embora comovido com suas suplicas a voz do estomago fala mais alto que a da suplicante criatura e o caçador acerta uma flechada mortal no coração do veado.

“SALIM E MARIA”

Maria, bela regazza, vinte e poucos anos, doméstica de Salim e Sara.

Sara, uma bela donna, na casa dos quarenta, digamos que volumosa e atenciosa com o marido... Salim, um cinquentão metódico e um pouco econômico para o gosto dos parentes, principalmente para o gosto da Sara, embora também fosse econômica... Salim e Maria estavam sós no apartamento da Vinte e cinco de Março, Sara tinha ido a casa de mamma, a risonha dona Rute; motivo: doença da velha matriarca.

Era final de uma tarde de Abril, chovia torrencialmente na capital da garoa, Salim após fatigante trabalho de contar dinheiro, estava descansando em sua ampla sala; em meio a ruídos oriundos da tempestade ele ouve ruídos vindos do minúsculo banheiro de Maria, eram provenientes do chuveiro de Maria, que tomava um relaxante e prolongado banho, pé ante pé ela vai até o banheiro da regazza, bate a porta e fala:

-Maria, abre a porta para Salim...

Ela quieta, e ele insiste:

-Maria, abre a porta para Salim...

Maria abre a porta, Salim entra e fala:

-Maria, você quer ralar com Salim...

Maria fica corada e nada fala, ele insiste:

-Maria, você quer ralar com Salim...

Ela quieta, e ele insiste...

-Maria, você quer ralar com Salim...

Ela, devido talvez a insistência do homem fala:

**-Vem seu Salim, sou toda sua, pode vir ralar
com Maria...**

**Salim entra no lavabo, desliga o chuveiro, vira
as costas e vai embora...**

SEU ZÉ

Seu Zé era um cidadão exemplar, tanto na família como no ambiente de trabalho; até que...

Cansado de ver tanta trampolinagem na firma onde trabalhava seu Zé resolve entrar na onda, levou então um botijão de gás para assim trocar por outro cheio, porém neste dia seu chefe resolve sei lá o porquê contar todo estoque da empresa e o botijão do seu Zé entra na contagem para azar do desafortunado futuro trambiqueiro que assim acaba além de perder seu botijão, contribuindo para o aumento de cascos do depósito.

Em outra ocasião seu Zé foi colocado como quebra galho no caixa da empresa, pois o caixa titular tinha faltado ao trabalho naquele dia.

"Tai, é hoje que vou me dar bem" pensou e Seu Zé então durante o expediente vendeu botijões de gás a preço além do valor real, e assim ao fim do dia o excedente do caixa vai para seu bolso, ao fazer o desonesto traslado no fechamento do caixa viu uma nota de 200 reais novinha em folha.

Com satisfação pelo ato ilícito praticado coloca a nota no bolso, cédula esta que ao contrário das suas que bem surradas estavam.

No outro dia seu Zé vai ao banco pagar o tal boleto e para sua surpresa sua nota de 200 reais é confiscada pelo caixa do banco, falsificada.

Seu Zé sai com o rabo entre as pernas envergonhado e desolado pelo prejuízo.

Com estas 2 lições desastrosas nunca mais seu Zé agiu desonestamente, nem na empresa e nem em lugar algum, lições que a vida dá por tortuosos caminhos.

UMA TARDE NA EMERGÊNCIA

13:48: Chego na emergência com minha esposa que sofreu uma queda e estava com muitas dores Ela vai ao guichê e recebe uma ficha, “rápido” penso.

13:59: Ela é chamada, “maravilha, que rapidez!”, falou a ela.

Ela entra num reservado da tal emergência e a seguir vem ela, era apenas uma triagem, “vamos aguardar”, ela me diz.

14:15: A sala de espera enchendo de gente, um calor infernal, ar condicionado pifado e um ventilador da década retrasada.

14:44: Chega uns policiais com um cara algemado, logo e atendido, “preferência” falam eles.

15:00: Minha esposa com dores, vou no guichê reclamar a demora, “tenha paciência” fala a atendente.

15:45: Mais gente chegando, outros policiais, agora é uma mulher também algemada, logo e atendida, e eu buzina da cara.

16:00:Já estou até com cãibra de tanto estar sentado esperando “Espera sentado que de pé cansa”, alguém poderá me falar.

16:50: Agora é minha esposa que vai ao Guichê, “calma que não vai demorar”, fala a atendente sem olhar para ela.

17:00: O sistema sai do ar, agora poderão ter uma boa desculpa pela demora.

17:30:Varios pessoas ja foram chamadas mas a sala de espera super lotada, e novas pessoas chegando, nada de chamarem minha esposa.

18:00:Tento ouvir o tele jornal da teve que esta ligada na sala de espera, (ligaram pra que?) se não entendo linguagem labial.

18:18: Aleluia! Agora chamam minha esposa, “Vai ser um exame bem demorado penso eu, raio X, etc. etc.”, mal finalizo minha divagação e lá vem ela com um simples papel na mão, é a receita em letras quase indecifrável:

“Mioflex de 8 em 8 horas”.

“ZÉ DO CONTRA”

Esta é a curta historia da vida curta do Zé do contra.

Zé do contra era um rapazote que vivia próximo as barrancas do arroio Velhaco,

Era um bom sujeito, mas o apelido já dizia tudo, sempre discordava de tudo e de todos.

Certa feita Zé do contra foi a venda do seu Luís, no outro lado do arroio, apesar dos avisos que estava armando um temporal, o teimoso foi assim mesmo; na volta da venda, já no meio do pontilhão que atravessa o arroio o temporal o pega de supetão, resumo da ópera, o infeliz despenca junto com seu cavalo nas profundezas do arroio traiçoeiro.

Depois da borrasca passada, sabedores do sucedido, moradores do vilarejo acionam a defesa cível do município que juntamente com o corpo de bombeiros vão a cata do Desafortunado Zé .

Após a busca ser iniciada encontram o cavalo do infeliz, mas nada de acharem o corpo do Zé do contra; até que um sujeito cochicha a um dos bombeiros, e lá se vai o barco arroio acima, e acreditem, encontram finalmente o corpo do Zé do contra a 500 metros arroio acima.

Até na morte Zé fez jus ao seu codinome...

“O RÁDIO FANHOSO”

O radio fanhoso, descansando a cabeceira da cama, ultimamente anda muito triste e decepcionado com a eletrola, ela furtivamente abandonou seu amado e foi para o lugar mais cobiçado da casa, a sala, anda agora de namoro com o televisor.

O radio não canta mais canções alegre, somente musicas de Roberto e de Júlio Iglesias.

Um dia desses o radio fanhoso quase cometeu uma loucura ao sugerir que fosse trocada para 220 a voltagem do televisor, ele fala aos quatro ventos que o televisor é um canalha, etc. e tal, um Casanova de quinta categoria, esquecendo que a eletrola tem uma grande parcela de culpa...

A CASA DAS QUATRO LUAS EM CAMAQUÃ.

Eu ainda lembro da casa da minha infância, uma grande casa amarela, sem forro e de chão batido, com seu telhado de zinco, todas as noites no meu quarto eu aspirava pelos buracos das telhas de zinco o cheiro indecifrável da noite.

Na sala da minha casa, a casa da minha infância, tinha um grande quadro verde que pertencia a minha avó, este quadro me mostrava os fragrantos de uma batalha ocorrida em 1923, lá pelas bandas de Camaquã, no sul, na frente do batalhão estava meu avô, montado em um grande cavalo niger, com seu mosquetão mosqueado, impaciente em seu ombro, e, sua espada de prata pendurada a cintura.

Ainda lembro as janelas da casa da minha infância, que nas tardes de novembro batiam azuis na parede, eram janelas de estilo vitoriano, muito antigas para a época, madeira de louro verde com quase duas polegadas, e um arco milímetro em forma de lua nova, formando noventa graus.

Nos fundos da minha casa, tinha muitos bambuzais, onde eu passava as minhas tardes, eram de um verde total, contrastando com o céu pincelado de azul, pareciam pernas sinuosas e enormes de monstros imaginários, e lá no fundo do quintal deslizava silencioso igual serpente, um riacho vulnerável, fronteira imaginaria de meus sonhos.

Na minha mente ainda vejo a casa imensa e orgulhosa em meio das verdes e altas gramas que ondulavam como um mar insano a rugir ventanias e aquela estrada careca que se perdia lentamente...

Ainda ontem passei por lá.

E vi uma montanha de concreto quase furando o céu cinzento, e cuspiendo fuligem para o incrédulo sol amarelo que tentou esconder-se atrás de uma nuvem chorosa.

A ESTRADA

(...) Uma discussão sem motivo algum, explodi, implodi; disse tudo que estava engasgado em minha garganta, preso no dentro do meu peito e, sem dar adeus e nem olhar para trás rumei na direção daquela estrada que sempre me convidava a partir. Levei nesta viagem rumo ao desconhecido apenas uma velha mala com poucas roupas, um livro desbotado, um disco de amor já gasto pelo tempo e recheios de sonhos não realizados. Caminhei... Caminhei e, esta estrada me envolvendo, me absorvendo, me absolvendo, adormecia a luz das estrelas e acordava ao som de melodias vespertinas; encontrei neste caminho tantos pássaros, ouvi passos de pessoas estranhas num vai e vem não sei pra onde; senti e me envolvi em tantas cores, tantas flores que nunca conheci e, a estrada me chamando...

Senti frio, senti sede, passei fome no caminho, alimentando-me de néctar de sonhos e saciando-me com gotas de orvalho, tendo como companhia sonhos e saudades.

**A jornada tão distante nem sinal de terminar,
Subi montes e ladeiras, quase morri de cansaço,
tropecei nas vicissitudes abismais desta jornada,
quase rolei por ai, o tempo foi passando, a estrada
me encolhendo, me escolhendo, me envolvendo,
me enlaçando em seus braços matriarcais.**

**De repente lá no fundo da existência, uma
casinha, cerca brancas e um jardim, rosas
vermelhas, um pé de laranjeira e um sabiá; vejo
então no portão amarelado, a mulher dos meus
sonhos cotidiano, me acenando; então corro a seu
encontro.**

**Quando dou por mim e que percebo que aquela
estrada era o presente me levando ao encontro da
mulher, a mulher que mais amei em minha vida.**

A JANELA

Meu avô contava muitas historias sobrenaturais que ele presenciou ou testemunhou no tempo de tropeiro. Uma delas é esta que vou relatar. Uma certa noite ele pernitoiu em um casebre abandonado perto do Sutil, era costumeiramente usado por tropeiros.

Perto das 8 da noite se arrumou como podia em uma peça abandonada que fez de quarto, logo pegou no sono devido o cansaço da viagem, acordou de madrugada com os olhos ofuscados por uma estranha claridade, pensou que tivesse deixado a janela aberta; com os olhos já acostumado pela claridade olhou na direção da janela e para sua surpresa, viu a lua brilhante e muitas estrela, levantou e foi fecha-la ao se dirigir para o local se deparou com uma repentina escuridão e para sua surpresa a janela estava completamente fechada, nunca mais meu avô pernitoiu naquela tapera.

A PEQUENA FADA

Em uma certa manhã estava eu caminhando em uma pequena estrada de chão batido que corta a floresta que circunda meu pequeno vilarejo, nisso vejo um feixe de luz, olhando bem percebo ser uma pequena fada, fico exultante e feliz de repente, pergunto-lhe como está, e ela responde-me que está muito bem e que está aqui apenas de passagem, me fala de seu mundo num breve comentário, diz que é o melhor de todos os mundos, depois me pergunta como estou; fico calado e nada respondo.

E ela como apareceu repentinamente sumiu, levando minha escassa alegria...

A PEQUENA PRINCESA

Um certo dia uma pequena princesa, cansada de seu monótono cotidiano cercado de vassalos adutores e bajuladores e mordomias supérfluas, resolve desbravar o desconhecido além daqueles altos muros que aprisionavam seu castelo. Num instante de distração de seus criados, consegue escapular, cruzar em passos lépidos e miúdos o amplo jardim daquele castelo medieval, enorme e triste e perde-se na imensidão de ruas estreitas e estranhas, novas paisagens surgem a sua frente, e lá atrás igual um fantasma vigilante o castelo, sua prisão particular, cercado por casas mal formadas, em desalinho, banhadas pela cinza das ruas nuas e sinuosas, tudo a sua frente parece assustador, deslumbrante, desconhecido e novo, porem a pequena princesa segue o seu imaginário na realidade que desdobra-se a sua frente igual a aquarela de um pintor de sonhos, paisagens remotas de um filme mudo em suas tardes de eterno descanso no castelo.

Suas delicadas narinas acostumadas com os exóticos odores daquele amplo jardim e de suas roupas finas banhadas de lavanda, sentem repentinamente o cheiro absinto e estranho no doce repugnante de perfumes baratos daquela gente desconhecida, num vai e vem a perambularem por caminhos inexatos para ela. Sons diferentes do piano de cauda de sua imensa sala, ferem os tímpanos sensíveis daquela menina.

Homens fardados que nem os guardas de seu pai a apitarem estridentes objetos, orientando o pandemônio do tropel de bóldos cavalos em meio a carruagens lentas e sonolentas no seu monótono trafegar, ruídos de cheiros misturados a fumaças de chaminés e bostas de animais a serpentear nas sarjetas de águas turvas; e neste caos, maltrapilhos em sua mendicância a implorarem migalhas de alimentos para sua sobrevivência penosa e desumana.

Um mundo estranho e paralelo a descortinar tristes emoções, muito além de sua inesperada visão e imaginação.

No seu pequeno trajeto encontra e conhece coisas que nunca tinha visto antes, nem sequer imaginado, gentes em farrapos, cães sarnentos, ratos a macularem as pálida rosas, misera, miséria em todo o canto.

Velhos de passos de chumbo cruzam indiferentes seu caminho, gente de face corroída pelo tempo, diferentes daquelas faces de sua gente bem alimentada no seu castelo.

Crianças maltrapilhas a carregarem o peso prematuro de tempos difíceis em seus ombrinhos doloridos, mulheres em roupas vulgares e homens de barbas de fogo e fumaça nos lábios.

Tanta coisa assustadora para a imaginação daquela menina.

Ela segue agora com passos excitantes por vielas e caminhos obscenos,, muros mosqueados, calçadas sisudas e desdentadas, quase desmaiadas a seus pés, já cansados daquela funesta jornada, e ela de olhar esbugalhado filmando em câmara lenta o universo a seu redor.

De repente bate uma melancolia naquele coraçõzinho que nunca tinha conhecido a amarga realidade desta vida, uma tristeza danada na alma daquela menina sonhadora e segura no aconchego de seu lar folhado a ouro e fechado a realidade, e ela foge então para bem longe, nem para traz lança um olhar. No final daquela estrada devoradora, eis que surge como por um passe de mágica um plácido e lindo lago azul, elfos e ninfas levitam no interior de sua alma inconformada, cândidas vozes de anjos entoam odes e a convidam a levitar suavemente naquele lago a exalar pureza e paz.

A princesinha desliza em suas águas azuis profundo de um silencio absoluto, enquanto a fina lua suspira pratas na noite fria...

Dizem o povo da aldeia que todas as noites de lua nova, uma menina de branco e rosa entoam odes de amor e esperança, flutuando na imensidão daquele lago, talvez seja a princesinha que sumiu um dia do castelo, e que agora mora no lago junto com fadas, elfos ,e gnomos e todas as criaturas ocultas que encantam a terra.

A TARTARUGA E O URSO

Estava a tartaruga passeando tranquilamente no bosque, quando de repente depara-se com o urso, a tartaruga rapidamente dá o lado para o animal passar, ele em contrapartida retruca que ela estava atrapalhando sua passagem, a tartaruga humildemente afasta-se mais para a beirada do caminho e suplica para o urso não machucá-la. O urso sadicamente a empurra para a beira do penhasco e a pobre criatura acaba despencando e cai sem vida ao chão, ele como se nada tivesse acontecido segue seu caminho na maior tranquilidade enquanto isso lá nas alturas estava uma águia a procura de comida e avista um corpo estendido no chão, num mergulho certo crava a vitima em suas garras, dá meia volta e vai para as montanhas, ao retornar, sua presa escapa de suas garras e despenca no espaço azul e por ironia do destino vai ao encontro da cabeça do urso malvado que acaba sendo abatido sem saber o por que e por quem.

“FAROL DA BOA ESPERANÇA”

Estou viajando em um barquinho que alguns chamam de vida. As vezes minha viagem é calma, sob um céu azul e noites estreladas, com plácidas ondas a me beijarem, e uma suave brisa a me tocar, a me alisar mansamente; mas tem vezes que meu barquinho enfrenta borrascas cruéis, com ventos ferindo-me implacavelmente, com dias negros e noites sem luz alguma; porem sempre crio forças nestas nefastas ocasiões, sempre foi assim; e lá na distancia infinda de meu olhar, vislumbro um impávido farol, uma tênue luz que na distancia me guia neste escuro caminho, uma luz que dá forças, luz que não cansa de iluminar minhas noites; será que este farol se chama esperança?

O GATO E OS RATOS

Um ratinho distraído é surpreendido por um enorme bichano, tenta fugir mas é encurralado pelo felino, porém para a surpresa do pequeno roedor, o gato em vez de ataca-lo recua assustado, isso encoraja o atônito ratinho que num gesto tresloucado avança sobre o gato que recua, os outros ratos que estavam seguros em seus esconderijos vendo aquela cena dantesca, se animam e partem para cima do assustado gato e, "Zapp", um pataço mortal liquida de vez com todos os imprudentes ratinhos que são devorados um a um.

Moral da estória:

Nunca confie nas promessas do inimigo.

“O HEDONISTA”

Estou neste momento em transe levitando sobre os montes Apalaches e refletindo sobre este tão profundo Tema: Ser ou não ser Cristão.

Os índios Apaches não o eram, os Incas, Astecas, Maias, Guaranis também não, praticamente toda a antiguidade A.C não o era, uma grande gama do povo oriental não o são. O que acontecerá a todas estas incautas almas no juízo final (dizem que vai ter juízo final, temo pelo meu coração sem juízo).

Voltando a tão delicado e complexo tema, O que acontecerá aos não Cristãos, será que o inferno e o eterno ranger de dentes nas trevas do além os aguarda enquanto que os abençoados Cristão gozarão do nirvana supremo nos jardins do edem?

Estou agora sentado comodamente sobre algumas pedras milenares no místico montes Apalaches fazendo esta doidivana reflexão; e sorvendo sem pressa, um Johnnie walker blue label e tragando um legítimo charuto cubano.

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Era uma tarde ensolarada, talvez inicio de verão, tudo parecia calmo, mas de repente tudo mudou, o céu escureceu, o sol sumiu e o universo parece que entrou em ebulição.

A fera apareceu, negra, sedenta de sangue, destruindo, arrasando todos os seres vivos sobre a terra, e aconteceu a metamorfose, do fundo de nossos corpos como que arrancados por mãos divinas, saíram nossas almas em forma de pássaros, rumo ao azul distante, rumo ao sol, e a fera atrás, a nos perseguir implacavelmente, destruindo os mais fracos, os retardatários e no meio de todo este caos, voávamos rumo ao sol.

Na terra tudo era pandemônio, sangue, mortes, angustias, tristezas e misérias, seus raios terríveis queimaram milhões de nós, os mais frágeis morriam aos milhares, mas a fera também pereceu; depois tudo acabou, a sol voltou ao normal, voltou o silencio, e nós em silencio mas exultantes começamos nosso retorno a terra.

Nossos corpos estavam lá como se estivessem sempre a nossa espera, Entramos novamente a nossos corpos de origem, e começamos uma vida nova, uma nova era de paz e harmonia...

A nefasta guerra nuclear havia acabado e a reconstrução do novo iniciou na esperança de um novo viver.

ZERO A ESQUERDA

Certo dia estava eu em um bar tomando uma gelada, e estava dando no televisor do estabelecimento uma reportagem sobre o Senegal, um sujeito que estava a meu lado comenta comigo que o Senegal devia ser longe daqui.

Eu de uma forma irônica lhe falei que nem tanto, era só ir pela estrada velha que sai daqui de Guaíba ,passar pela Barra do Ribeiro, Tapes, Arambaré; etc. que logo chegaria no Senegal.

O sujeito então me fala que devia então ser um pouco antes do Uruguai, daí lhe falei que era um pouco mais longe, era logo depois do Uruguai.

Pelo que percebi o sujeito em matéria de geografia era um zero a esquerda.

Espero que só em geografia para o bem da sua prole que é bem numerosa.

CAUSOS COISADOS

Esta estória fala de um gaúcho do interior correspondendo-se com uma garota da capital e que agora para lá esta indo com o intuito de conhecê-la. -Ô seu coisa, farta muito pra chega a Porto Alegre? Assim começa este caso a bordo de um velho trem ano cinquenta e seis.

O trem tinha partido de Bagé na manhã daquele mesmo dia, fazia um calor de rachar, o sol a pino não dava trégua.

E aquele individuo trajado a rigor dos pés a cabeça, naquele jeito gaúcho de gente da fronteira.

Era um vivente mistura de índio com castelhano, chapéu grudado na cabeça que nem carrapato em lombo de cachorro ovelheiro, barbicacho preso aos queixos estilo cara de cavalo, próprio do homem da fronteira, e uma guaiaca, pelo jeito inchada que nem peito de ama de leite, gaúcho meio lampeiro, doido pra gastar os pilas dele na capital.

Bombachudo o macanudo, dois palmos e meio de pano entre a cintura e o joelho,

Levava uma pequena prateada na cintura e nos pés de campeiro amassador de rosetas, uma botas brilhantes de dar inveja a espelho, dois dedos abaixo do joelho; sem contar as chilenas e claro, enfeitando e dando som a seu andar.

Mais uma boa tragada no seu palheiro, e a calma tradicional desta gente do interior a espera de resposta.

-Olha vivente, falou o companheiro de viagem, faz pouco que atravessamos Santa Maria, mais um pouquinho e estaremos em Camobi, de lá até Porto Alegre, bota tempo nisso, mais escuta vivente, por quê esta tua aflição toda, esta tua gastura?

-Bão tche! E que eu to se correspondendo com uma guria mui linda, lá das bandas da capital e agora to indo lá pra conhece pessoalmente a pinguancha, não me aguento de aflição vivente.

-Mas bah tche! Tanta prenda trabalhadeira e destrinchada tem por estas bandas de Deus e tu vai logo se interessar por uma sirigaita da cidade grande.

-Não acho que seja sirigaita, creio até que seja guria das descentes, tava um domingo mateando no meu rancho, quando a descobri num classificado dum jornal da capital, parece até que é letrada e artista a danada, li no anuncio que a guria faz um tal de programa completo, até uma tal de oral por cinqüenta pila, inté viaja como acompanhante, deve também sê secretaria, que prenda trabalhadeira!

Ai eu arresolvi liga pra ela, e agora tamo compromissado serio pela tal de correspondência.

Tu acha que aqui nos cafundós do Judas, onde o diabo perdeu as botas eu ia encontra muiè mais prendada e cheia de oratória que esta.

-O seu coisa sacode a cabeça, dá uma tragada e deixa o vivente a gargantear sozinho, cheio de entusiasmo na certeza de ter encontrado a mulher ideal para morar no seu ranchinho e sestar nos seus pelegos...

E o trem segue seu rumo moroso com destino a Porto Alegre.

REDE DE INTRIGAS

O pelicano quase entrou pelo cano por causa da cegonha sem vergonha, que espalhou boatos pela floresta, dizendo que ele perdeu as penas,(que pena!) por sentir tanta paixão de um amor não correspondido, tudo mentira meu amigo.

Enquanto isso o zangão zangado deu uma bronca na dona formiga por causa de suas mentiras e intrigas, dizendo que a aranha, cada vez que vê a abelha rainha, se assanha.

Como tem gente daninha na nossa floresta pensa com seus botões o velho veado,um tanto triste e amuado ,enquanto o leão esfomeado está a espreita bem na moita, querendo devorar o pobre coitado.

Ah! quase ia me esquecendo do Zé, o jacaré que quase perdeu um pé, ao fugir da pintada pintadinha, aquela que falam por aí que adora furtar galinhas.

A PARÁBOLA DOS DEZ PORCOS

Um cidadão tinha um pequeno sítio e nele duas casas, numa ele morava com sua família e a outra alugava.

O inquilino vivia enchendo o saco dele, reclamando que o pátio estava um pouco sujo e precisava de uma limpeza, a grama muito alta e necessitava de umas aparadas, e precisava mesmo.

O dono da casa, intolerantes, se indigna com as constantes reclamações do homem e de seus familiares, e coloca dez porcos no terreiro.

Virou um inferno de tanta sujeira, o inquilino pede pelo amor de Deus para ele solucionar o problema, e assim o homem, "benevolente" com as queixas do mesmo, retira sete porcos, ficando somente três, o locatário aplaude feliz a atitude do bom homem, acreditando que o problema fora resolvido.

A CASA DA COLINA

Estava eu caminhando em uma longa estrada e ao subir uma colina avistei uma casa cercada por altos muros, seu portão estava aberto, sem esperar entrei. Cheguei em frente a grande porta de carvalho que também estava aberta, da rua dei uma espiada, e vi duas mesas de bilhar em uma ampla sala, me atrevi e entrei.

Pessoas jogavam sinuca e ao fundo uma imensa poltrona de couro com várias pessoas nela sentadas.

Mais ao fundo um amplo balcão onde um barman servia diversos tipos de bebidas.

Conversei com um rapaz e uma garota que estavam sentados na poltrona disseram que eu era um privilegiado por lá estar, só pessoas VIP eram convidadas a frequentar esta seleta casa. Conversamos um pouco, e logo depois saímos da casa; eu, ele e a garota; fomos a área lateral da casa onde tinha um amplo pátio com piso de mármore rodeado de árvores caprichosamente podadas.

Lá chegando, olhei no chão e vi argolas neles cravadas; eram para montarem barracas, assim me disseram; sentamos num banco de madeira ao lado do muro de onde avistávamos a rua.

O rapaz ficou a minha esquerda e a garota a minha direita; sem nada falar eu delicadamente coloquei meu braço em seu ombro e acariciava seus pequenos e macios seios.

Neste instante de calma plena chegou mais duas garotas, uma ajoelhou-se em frente ao rapaz e a outra a minha frente, delicadamente beijava meus joelhos e foi subindo...subindo... sua boca vermelha e caliente me elevou as alturas.

Nisso acordei...

AS WALQUIRIAS

Hoje está fazendo uma agradável noite de chuva, propicia para se dormir bem., trovões ressoam lá fora, fazendo-me lembrar do filme Memórias no front, de Erick Marie Remarque; se bem me lembro, é claro. Relâmpagos riscam o céu, fazendo-me lembrar de minha infância, meus sacis e Mboi-tatás, mais um trovão retumba freneticamente, parecem-me as risadas de Thor e das sensuais Walquirias em um jogo de eterna sedução.

A noite negra entra neste meu quarto medieval, e as historias criam vida própria, preparo minha cama, pois quero dormir rapidamente para poder sonhar com Vahalla, e assim ver meus sonhos criarem vida. Quero conversar com Odim, fazer um duelo amistoso com Thor, depois andar a cavalo por entre as nuvens com as Walquirias.

Se for possível, quero me apaixonar por uma delas, e dentro de meus sonhos mais íntimos fazer de conta que a estarei trazendo a minha realidade ao plano concreto.

E graças aos deuses eu sou humano, e o virtual somente pertence aos deuses.

As nuvens carregadas agora despejam água, eu sei que são bênçãos de Odim que alegre brinca com a mãe natureza, que em concluiu com ele fazem me dormir melhor.

O vento assobia uma melodia em minha janela, parece as Walquirias me chamando...Me chamando...Me chamando... Meus sonhos são lindos, elas a meu lado me agradando, me cativando, enquanto Thor caça faisões para nosso jantar.

A minha escolhida serve me em uma taça de diamantes um vinho celestial, e suavemente sussurra em meu ouvido uma canção de acasalamento, pétalas de rosas vermelhas são jogadas em nosso leito nupcial, numa transmutação tridimensional o amor parece fluir de nós, é tudo tão bonito nesta hora, as nuvens coloridas, os raios gamas...

Minha cama balança freneticamente ao som de uma valsa invisível e inaudível aos ouvidos dos humanos, mas audível para aqueles que amam verdadeiramente, o amor cria forma numa realidade nuclear, e as estrelas se expandindo...se expandindo, e engolindo outros planetas, a minha cama balança mais e mais e o meu reino celestial vai se esvaziando, sumindo de minha mente, e meu sonho vai , vai embora com meu sono.

Acabei de acordar, pois tinha deixado a janela aberta e a chuva fria de inverno, e o vento glacial acabaram entrando em meu quarto, acordei com frio e quase molhado.

Agora que estou acordado e a noite é alta vou terminar de ler o romance das Walquirias.

“O BOTO E A DONZELA”

...Era uma menina recatada até demais, sempre caminhando cabisbaixa, pisando em ovos, nunca alguém a viu com namorado, e eis que aparece grávida, para o deleite dos moradores do vilarejo.

-Como pode isso acontecer...fala dona Cristina.

-Simples, responde seu Alfredo; foi o boto quem fez mal a garota. -Como assim boto? ela só saiu de casa com os pais, nunca lavou roupa em riacho algum, e aqui perto nem riacho temos...

-Mas temos máquina de lavar roupas, acredito que o boto veio pela tubulação de água e pegou a coitada de jeito...

O HOMEM QUE SABIA DE MENOS

-Você sabia que Matilde terminou com o amante?

- Não, não sabia e também nem sei quem e Matilde, mas por quê ela terminou?

- O amante negou-se de leva-la a Capão da Canoa neste fim de semana?

-Só por isso; mas quem é este amante? -É um vizinho teu o Theo conhece-o?

-Nunca o vi mais gordo, mas por quê ele negou-se de leva-la a Capão?

-É que neste fim de semana o Theo irá lá com a outra amante.

- Mas que cara descarado além da Matilde tem outra amante.

-Pois é o cara é descarado mesmo, termina com a Matilde mas segura a outra, não é nada bobo, a proposito, qual é o nome da outra?

-É Genoveva, Conhece-a?

-Não conheço.

-Você não conhece a Genoveva? ela é tua vizinha e vizinha da Matilde também, casada que nem Matilde, o sujeito adora uma casada.

-Não conheço este sujeito, mas ele é um ordinário.

-E você que está dizendo, embora não o conheça e olha, o cara já tem outra na mira, uma tal de Lulú...

-Tomara que não seja casada...

-Pior que é casada sim... a propósito, o nome da tua mulher não é Lucrecia, mais conhecida por Lulú?

“AMIZADES VIRTUAIS”

A minha vida inteira acredito ter conquistado uns vinte camaradas de fé, e Quem sabe uns cinco amigos de fato.

O que me deixa estupefato, é que nas redes sociais, em menos de sete anos, agreguei uns mil amigos virtuais e uns dez mil seguidores, quando eu Partir desta pra melhor, será que os meus vinte camaradas de fé, se ainda aqui estiverem Irão lamentar meu passamento?

Será que meus cinco amigos se aqui ainda estiverem irão no meu funeral?

E será que meus mil amigos virtuais irão ao menos curtir este fato?

E meus seguidores?

Estes talvez irão seguir outro mortal em meu lugar...

Jorge Luis Borges Rodrigues

Pseudônimo: Jorge Luis Borges

Natural de Camaquã / Rs / Brasil

Reside em Guaíba / Rs / Brasil

Profissão: Representante comercial

E.mail:jlborges_cia@hotmail.com

YOUTUBE: Jorge Luis Borges Rodrigues

Poesiasdejorgeluisborges.blogspot.com

Face book: Poemas de Jorge Luis Borges

Confraria das Letras-Literatura e Poesia

Jorge Luis Borges e Amigos- Poemas e Poesias.

É integrante da Academia Biblioteca Mundial de

Letras y Poesia, cadeira 57

Tem publicações no Recanto das letras

Começou sua carreira literária e poética em

Novembro de 1974, com o poema intitulado "Livre"